



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

ANGELUS

Palácio Apostólico de Castel Gandolfo

Domingo, 7 de Agosto de 2011

(Vídeo)

Estimados irmãos e irmãs

No Evangelho deste domingo encontramos Jesus que, retirando-se sobre o monte, reza durante a noite inteira. Separado tanto da multidão como dos seus discípulos, o Senhor manifesta a sua intimidade com o Pai e a necessidade de rezar em solidão, ao abrigo dos tumultos do mundo. No entanto, este seu afastar-se não deve ser entendido como um desinteresse pelas pessoas, nem como um abandono dos Apóstolos. Pelo contrário — narra são Mateus — pediu que os discípulos entrassem na barca a fim de «O preceder na outra margem» (*Mt* 14, 22), para os encontrar de novo. Entrementes, «já a uma boa distância da margem, a barca era agitada pelas ondas, pois o vento era contrário» (v. 24), e eis que «pela quarta vigília da noite, Jesus veio até eles, caminhando sobre o mar» (v. 25); os discípulos ficaram transtornados e, pensando que se tratava de um fantasma, «soltaram gritos de terror» (v. 26), pois não O reconheceram, não compreenderam que era o Senhor. Mas Jesus tranquiliza-os: «Ânimo, sou Eu. Não tenhais medo!» (v. 27). Trata-se de um episódio, do qual os Padres da Igreja hauriram uma grandiosa riqueza de significado. O mar simboliza a vida presente, a instabilidade do mundo visível; a tempestade indica todos os tipos de tribulação, de dificuldade que oprime o homem. A barca, ao contrário, representa a Igreja construída por Cristo e norteadá pelos Apóstolos. Jesus deseja educar os discípulos a suportar com coragem as adversidades da vida, confiando em Deus, naquele que se revelou ao profeta Elias no monte Horeb, no «murmúrio de uma brisa ligeira» (*1 Rs* 19, 12). Depois, este trecho continua com o gesto do apóstolo Pedro que, tomado por um impulso de amor pelo Mestre, pediu para ir ao seu encontro, caminhando sobre as águas. «Mas,

redobrando a violência do vento, teve medo e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me!”» (Mt 14, 30). Santo Agostinho, imaginando que se dirigia ao apóstolo, comenta: o Senhor «humilhou-se e pegou-te pela mão. Unicamente com as tuas forças, não consegues levantar-te. Segura na mão daquele que desce até ti» (*Enarr. in Ps. 95, 7: PL 36, 1233*), e diz isto não apenas a Pedro, mas di-lo também a nós. Pedro caminha sobre as águas não pelas suas próprias força, mas pela graça divina, na qual crê, e quando se sente dominado pela dúvida, quando deixa de fixar o olhar em Jesus e tem medo do vento, quando não confia plenamente na palavra do Mestre, quer dizer que, interiormente, se está a afastar dele, e é então que corre o risco de afundar no mar da vida, e é assim também para nós: se olharmos unicamente para nós mesmos, tornamo-nos dependentes dos ventos e já não conseguimos atravessar as tempestades, as águas da vida. O grande pensador Romano Guardini escreve que o Senhor «está sempre próximo, dado que se encontra na raiz do nosso próprio ser. Todavia, temos que experimentar o nosso relacionamento com Deus entre os pólos da distância e da proximidade. Pela proximidade somos fortalecidos, pela distância, postos à prova» (*Accettare se stessi*, Brescia 1992, pág. 71).

Caros amigos, a experiência do profeta Elias, que ouviu a passagem de Deus, e a dificuldade da fé do apóstolo Pedro levam-nos a compreender que o Senhor, ainda antes que O procuremos ou invoquemos, é Ele mesmo que vem ao nosso encontro, abaixa o céu para nos estender a sua mão e nos elevar à sua altura; Ele espera unicamente que nos confiemos de maneira total a Ele, que seguremos realmente a sua mão. Invoquemos a Virgem Maria, modelo de confiança plena em Deus para que, no meio de tantas preocupações, problemas e dificuldades que agitam o mar da nossa vida, ressoe no nosso coração a palavra tranquilizadora de Jesus que nos diz, também a nós: *Ânimo, sou Eu, não tenhais medo!*, e aumente a nossa fé nele.

Depois do *Angelus*

Acompanho com profunda preocupação os dramáticos e crescentes episódios de violência na Síria, que provocaram numerosas vítimas e graves sofrimentos. Convido os fiéis católicos a rezar, a fim de que o esforço pela reconciliação prevaleça sobre a divisão e o rancor. Além disso, renovo às Autoridades e à população síria um apelo instantâneo para que se restabeleça quanto antes a convivência pacífica e se responda adequadamente às aspirações legítimas dos cidadãos, no respeito pela sua dignidade e em benefício da estabilidade regional. Dirijo o meu pensamento também para a Líbia, onde a força das armas não resolveu a situação. Exorto os Organismos internacionais e quantos têm responsabilidades políticas e militares a relançar com convicção e determinação a busca de um plano de paz para o país, através da negociação e do diálogo construtivo.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana